

PREFÁCIO

Marcia Gobbi

*O que mais dói
O que mais dói não é sofrer saudade
Do amor querido que se encontra ausente
Nem a lembrança que o coração sente
Dos belos sonhos da primeira idade.
Não é também a dura crueldade
Do falso amigo, quando engana a gente,
Nem os martírios de uma dor latente,
Quando a moléstia o nosso corpo invade.
O que mais dói e o peito nos oprime,
E nos revolta mais que o próprio crime,
Não é perder da posição um grau.
É ver os votos de um país inteiro,
Desde o pracião ao camponês roceiro,
Pra eleger um presidente mau.
Patativa do Assaré*

Escrevo esse prefácio num tempo em que estamos respirando ares mais democráticos no Brasil, ou a possibilidade de continuidade da construção da democracia brasileira, cuja fragilidade indiscutível nos levou a passos rápidos para processos de desmontes do pouco que já havíamos conquistado como direitos e a busca por uma vida mais digna a todas as pessoas. Escrevo, e talvez, as leitoras e leitores desta obra, também a leiam respirando esses ares, em que aquilo que mais doía, como tratado no poema de Patativa do Assaré na epígrafe, passa por momentos em que torna-se um pouco mais possível projetar algo justo a todas as pes-

soas e caminhar, pelo menos questionando e propondo, outras formas de viver em que a vida se faça presente e vibrante. Vida necessária para a continuidade de lutas tão urgentes.

Contudo, esses ares carecem de renovação constante e mais, de preenchimentos de lacunas deixadas ao longo da história que é feita por todas/es/os nós cotidianamente. Espaços vazios nos quais foram criados formas-monstros num vagaroso percurso que nos deixou, especialmente nos últimos 5 anos em condições de miserabilidade econômica ensejando tudo o que isso significa para as relações e produção da vida digna. Essas e outras condições, muitas vezes, não vistas ou compreendidos por todos em sua importância, passaram incólumes forjando falas e demais práticas pautadas em princípios ditatoriais, recompondo falas cujas forças compuseram cenários perversos: mortes, ausência de investimentos públicos em educação, saúde, cultura e o rechaço a esses setores propondo, entre outras coisas, além de práticas perversas advindas de ministras às mulheres, via-se delinear uma estética que se fazia em redes sociais, em falas torpes que disseminavam preconceitos de amplo leque. Não era apenas o “tio do pavê” e o admirador da mistura de pão com leite condensado que nos falava ingenuamente, mas muitas vozes que destruíam possibilidades de uma vida digna e menos desigual, na educação escolar isso se fazia presente em currículos escolares que mais expulsam estudantes do que os tratam respeitavelmente em suas múltiplas capacidades e urgências para suas vidas.

*Até o mínimo gesto, simples na aparência
Olhem desconfiados e perguntem
Se é necessário, a começar do mais comum.
E, por favor, não achem natural
O que acontece e torna a acontecer: Não se deve dizer que
nada é natural
(Bertold Brecht. A exceção e a regra)*

Creio que um, entre tantos problemas a conhecer e sobre os quais pensar, é que naturalizamos essas agruras, que estão historicamente

presentes em nossas vidas. Ruas e praças com pessoas vivendo sem a garantia de direitos básicos como moradia, alimentação, saúde, educação, tornaram-se locais por onde passamos como transeuntes a caminhar com ligeireza como se algo ou alguém nos esperasse sem qualquer possibilidade de atraso guiam nossos passos apressados correspondendo ao receio de uma abordagem inesperada e violenta. Ao final do dia sobrevivemos extenuados para outro dia. É mais que urgente tratarmos dessas questões a partir da produção de pensamentos conjuntos feitos em todas as regiões da cidade com suas diferenças e singularidades que impõe tratamentos e soluções saídas não de cima, mas de baixo, de quem nela mora e a produz cotidianamente.

É nesse período que prefacio e me alegro com a chegada e a proposta do livro *Educação cidadã: Experiência de Formação Profissional e Articulação Intersectorial na Cidade de São Paulo* resultado de um ciclo de debates voltados a formação de educadores e educadoras, trabalhadores e trabalhadoras da assistência social, saúde e outras categorias, um público que envolve profissionais de diferentes áreas e formações também diversas, tanto na escrita, quanto na participação dos debates e encontros. Apresenta-nos importante e original temática, sobretudo ao buscar a interlocução de setores sociais muitas vezes vistos como distantes do trabalho desenvolvido na educação, em todas as suas etapas, mas que também podem atender o desafio da construção conjunta de bairros e cidades educadoras. Ao buscar pelo estabelecimento dessas aproximações nos provoca a pensar para além das paredes escolares que, invés de produzir vida pulsante, pode vir à produção de engessamentos e práticas que pouco favorecem processos criadores, fazendo da escola no território mais um elemento bom para se pensar na urgente articulação entre setores e pessoas que os compõem. Ampliar práticas junto a diferentes grupos é o convite que nos é feito ao longo das páginas que o compõe. Aliás, ousaria afirmar que, sem essa prática a escola ensimesmada engessa suas práticas e possibilidades de compreender os mundos que portam cada um e cada uma dos estudantes que chegam

desde manhãzinha até a noite diariamente pelos portões, tomam os pátios e produzem culturas e conhecimentos dentro e fora das salas de aulas ou de encontros, preferirão alguns.

Mas, por que pensar sobre formação de profissionais de diversas regiões paulistanas junto a outros, de diferentes setores? Em que medida essa relação seria bem-vinda para quem dela participe? Em boa medida, a ousadia da interação nos brinda com reflexões cujos objetivos voltam-se para a junção não só de pessoas, o que em si já consiste em algo fundamental, mas dos grupos profissionais e culturais aos quais pertencem e auxiliam a construir. A perspectiva apresentada é rica, pois provoca-nos a pensar inicialmente sobre nós e nossas ações diárias como atos políticos urgentes, não só para problematizar as condições em que vivemos também como produtores responsáveis pelas agruras e alegrias vividas.

Ao pensar sobre territórios e formação traz a imprescindível contribuição para que a construção de reflexões, já postas pelo geógrafo Milton Santos, segundo as quais, o território é o espaço do acontecer solidário. Solidariedade, palavra tantas vezes proferida, mas ainda raramente materializada em nosso cotidiano. A questão desafiadora contida na obra é justamente relacionar território e escola, território e posto de saúde, território e atendimento assistencial, ou seja, território e serviço público, o que nos remete à concepção de território usado, ou seja, coloca-se e a nós leitoras/es a pensar sobre as relações que conferem usos aos territórios e mais, a pensar sobre qual nosso papel nisso. Agentes passivos ou atuantes consequentes, carregamos nossa parcela de responsabilidade sobre os modos de construir e transformar os territórios em lugares. Entendo que há um chamado àquelas e aqueles que produzem vida e práticas sociais as mais diversas envolvendo a todas as pessoas e que podem compreender, discutir e propor outros usos dados aos territórios que compõem nossas cidades, numa materialização da proposta freireana de ler o mundo antes de ler a palavra. Neste sentido, a escola, como espaço produtor de vida, interagindo com profissionais de outros serviços públicos, em todas as etapas da educação, é o local privilegiado, porém, espalhada pelos bairros

que são produtos e produtores das crianças, desde bebês, de estudantes, de suas famílias, nas mais diferentes composições. A compreensão dos bairros, das cidades e sua potencialidade educadora carrega um ânimo fundamental e que não pode ser apartado de processos formativos. Por esse, e tantos outros bons motivos, afirmo que a leitura da obra aqui mencionada é importante para nos animar a produzir mais pensamentos sobre a educação, sobre a escola, os demais serviços públicos e os territórios dos quais fazem parte visceral, sobre nós que também a fazemos cotidianamente.

REFERÊNCIAS

BRECHT, Bertolt. Teatro completo. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. v. 4. p. 129-160.

CARVALHO, Gilmar. Antologia Poética de Patativa do Assaré. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2010.